

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CATARINA - UDESC
LICENCIATURA EM MÚSICA

IVERALDO DE FREITAS

**PER-CURTINDO: UMA EXPERIÊNCIA COM MÚSICA E HISTÓRIA AFRO-
BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

FLORIANÓPOLIS
2019

IVERALDO DE FREITAS

PER-CURTINDO: UMA EXPERIÊNCIA COM MÚSICA E HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Música do Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Müller

FLORIANÓPOLIS

2019

IVERALDO DE FREITAS

PER-CURTINDO: UMA EXPERIÊNCIA COM MÚSICA E HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Música do Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Banca Examinadora

Orientadora: _____

Vânia Müller

Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: José Rodrigo Santos Velho

Membro: Camila Zanetta

FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2019.

Dedico este trabalho a todos que assim como eu, vieram da minoria, que mesmo dentro da mais profunda invisibilidade, acreditam em si, sonham e busca no dia a dia, momentos de felicidades e de melhores condições de vida para os seus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do coração à minha orientadora, Vânia Müller, pelo aceite entusiasmado de junto comigo, construir esse projeto e mesmo com todas as demandas, sempre ter sido muito presente durante o processo.

À minha família, meus pais, Revair de Freitas (*i.m.*) e Lucia Maria Lemos, por acreditarem nos caminhos que escolhi, e entregarem o seu melhor, para que eu pudesse ter uma boa educação.

À minha linda esposa, Nilma Gromovski, por estar ao meu lado ao logo desses anos de universidade, ajudando na escolha do melhor caminho e principalmente, me aguentando nesses últimos meses, durante o processo de escrita, não foi fácil para você, eu sei, te amo.

Ao meu amigo/irmão Márcio Batista de Miranda, pelos incentivos e puxões de orelha.

Às minhas queridas, Thais Carolina Branco e Gisele Maria Braciak, por me fortalecerem durante a caminhada.

Ao professor Carlos Gregório, pelas dicas durante a escrita e os demais amigos e colegas da Marista Escola Social Lúcia Mayvorne, pelo carinho e respeito com que sempre me tratam.

A todos que conheci e convivi durante esses anos de curso.

Por fim, e não menos importante, à Universidade Estadual de Santa Catarina, seu corpo docente e todos os demais setores.

RESUMO

Este trabalho aborda a experiência da utilização de conteúdos da história africana e afro-brasileira nas aulas de música com estudantes do Ensino fundamental Anos Finais da Educação Básica, no Marista Escola social Lúcia Mayvorne, localizado no Monte Serrat, centro de Florianópolis, Santa Catarina. A pesquisa objetivou identificar se, e como, atividades musicais e de conscientização histórica e político cultural podem gerar percepção positivada da identidade negra. Como metodologia aplicou-se pressupostos da pesquisa-ação. Os resultados aferidos dão conta de que as atividades voltadas à valorização da cultura Africana e afro-brasileira tiveram resultados positivos, fizeram com que os sujeitos da pesquisa refletissem sobre o valor que o seu povo tem na construção cultural brasileira e retomassem consciência de sua ancestralidade, aumentando sua autoestima.

Palavras-chave: Percussão Afro-Brasileira. Ensino Fundamental. Educação Musical.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. CENÁRIO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO	10
1.1 Descrição do cenário e sujeitos do estudo	10
1.2. A pesquisa-ação	12
1.3 Cronograma e descrição das ações	15
1.3.1 PESQUISA E SEMINÁRIO.....	17
1.3.2 “VAMO JOGÁ CAPOEIRA”?.....	18
1.3.3 AULA SOBRE A HISTÓRIA DE LUIZ GAMA.....	20
2. REVISÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1 Racismo e desigualdade social	23
2.2 Relações étnico-raciais. Educação. Educação Musical	28
3. DISCUSSÃO DOS DADOS	37
3.1 “O segurança mandou me seguir”: a consciência do racismo	37
3.2 “É preciso saber mais da nossa história”: Ancestralidade	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

A música sempre foi muito presente na minha infância, sempre tínhamos um rádio ligado, ou meu pai cantarolando, mas somente na adolescência iniciei meus estudos em música. Autodidata, aprendi os primeiros acordes no violão de ouvido, depois por meio das revistas de cifra que eram vendidas nas bancas. Muito curioso, aprendi um pouco de contrabaixo, cavaquinho, porém, foi na bateria e na percussão que resolvi me aprofundar e atuar profissionalmente, acompanhando artistas da cidade e em apresentação em eventos. No início tocava nas igrejas e banda de garagem com os amigos, alguns anos depois, comecei a ter acesso a livros didáticos, vídeoaulas e outros métodos de bateria e percussão.

Comecei a lecionar bateria em casa e após algum tempo, um amigo me chamou para dar aula em sua escola de música, a partir daí, decidi que era isso que me movia, descobri o que realmente gostava de fazer, viver da música, tocando e ensinando.

Depois de algum tempo, senti necessidade de me aprofundar didaticamente, foi quando em 2013 entrei para o curso de licenciatura em música da UDESC, na universidade, reencontrei a música popular brasileira, com o suingue, com a percussão afro-brasileira.

Em 2014 através de um anúncio, fiz uma entrevista para dar aulas de música na escola em que leciono hoje, que faz parte das escolas sociais do Grupo Marista, grupo que mantém a escola onde estudei da 5^o até a 8^o série, no bairro em que residia com minha família no município de São José, Santa Catarina.

Há 4 anos atrás percebi, junto com outros professores, a necessidade de uma oficina que, além da música e dança, acessasse outras possibilidades, que valorizasse o conhecimento já existente no território. Idealizamos um espaço que tivesse esse viés artístico da música (percussão) e da dança, e que fortalecesse nossos educandos, na retomada de identidade, orgulho e admiração pelas raízes culturais de origem africana, isso porque o contexto em que a escola se encontra é de mais de 90% de negros, ali nasceu o grupo Afronize, batizado pelos participantes da oficina.

O presente trabalho de conclusão de curso foi inspirado por essa oficina que funciona dentro do projeto Jornada Ampliada, oferecido pelo Marista Escola Social Lúcia Mayvorne.

A Jornada Ampliada é um projeto amplo composto por oficinas que são oferecidas aos alunos em período de contraturno escolar, numa perspectiva de escola e educação integral. Os estudantes escolhem as oficinas com que mais se identificam. Entre as oficinas oferecidas estão: música (violão, canto, bateria, percussão, baixo e guitarra, teclado e prática de conjunto), Afronize (dança e percussão Afro-brasileira), dança, iniciação científica, jogos cooperativos, matemática, robótica, café com leitura, adolescer (iniciação ao mercado de trabalho) e quebracabeça dos saberes.

O grupo Afronize é uma ação interdisciplinar dos componentes música/percussão e dança, todas as aulas e o repertório, objetivam a valorização e a resgate dessas identidades, culminando com elevação da autoestima através das manifestações culturais afro-brasileiras, convergindo com os anseios deste trabalho.

Este trabalho busca identificar os efeitos das atividades de educação musical, baseando seus resultados, em 5 (cinco) aulas com conteúdo voltados à valorização das expressões de cultura africana e Afro-brasileira em jovens do oitavo ano da Educação Básica. Mais especificamente, este Trabalho de Conclusão de Curso procurou: a) conhecer a realidade emocional dos estudantes dessa comunidade de periferia; b) selecionar conteúdos sobre música, cultura e manifestações culturais afro-brasileira; c) aplicar em atividades de música os conteúdos selecionados; d) avaliar qualitativamente, os resultados dessas aulas de música no cenário de pesquisa.

Entre as atividades selecionadas para análise dos dados da referida pesquisa, estão: 1- A história da música popular brasileira, situando a herança cultural dos então povos escravizados trazidos da África na época do império; 2- A capoeira, como manifestação cultural de extrema relevância e, remanescente e de grande importância na história brasileira; 3- A história de vida do abolicionista Luiz Gonzaga Pinto da Gama, como referência de resistência e fonte de inspiração.

1. CENÁRIO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

1.1 Descrição do cenário e sujeitos do estudo

A comunidade do Monte Serrat é uma das comunidades que formam o maciço do Morro da Cruz, no centro da cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. É uma comunidade rica culturalmente e carrega um histórico de luta por igualdade racial e social. Ao olhar para a importância histórica desta comunidade, observa-se quão rica ela se apresenta, seja por suas lideranças políticas, seja pela beleza sociocultural que carrega, ou ainda, pela resistência que ainda impera.

Um divisor de águas na valorização dessa comunidade foi a criação da *Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lord*, escola de samba fundada no verão de 1955. A escola surgiu a partir da iniciativa de quatro amigos, Abelardo Henrique Blumenberg (Avez-Vous), Juventino João Machado (Nego Quirido), Valdemiro José da Silva (Lô) e Jorge Costa (Jorginho), como uma alternativa despojada e alegre de se viver o carnaval, manifestação cultural muito fortalecida na comunidade até hoje, que naquela época se restringia à tradição carnavalesca dos grandes clubes da cidade, para as classes média e alta da sociedade florianopolitana. Assim como outras escolas de samba fundadas na época, a Copa Lord foi fruto da articulação das classes baixas, para ter o direito de brincar o carnaval.

Mário Davi Barbosa, ao falar da importância que a Copa Lord tem para a comunidade do Monte Serrat afirma que:

O Monte Serrat passa a ser, a partir da fundação da Copa Lord, referência na cidade pelo samba que faz. A cada carnaval, e isso se vê desde 55, a comunidade se envolve nos “projetos carnavalescos”, na confecção das fantasias, na ida aos ensaios de bateria que hoje acontecem no centro da cidade, na força despendida e na fé de um novo título. A Embaixada Copa Lord só é referência pela força da comunidade, na sua grande maioria de negros, que têm no samba uma espécie de libertação dos males, das tristezas da vida. É no canto que se canta junto e no sambar cheio de categoria que o negro se expressa e se sobressai como sujeito que “sabe levar a vida” com todas as dificuldades e entraves impostos a ele. (Barbosa, 2010, p. 12).

Desta forma, o Mont Serrat, além de uma comunidade negra, de lutas políticas e resistência, em Florianópolis, foi berço especialmente do samba enredo, marcando a vida dos estudantes que frequentam nossa escola desde a mais tenra infância. Esse contato desde cedo com o ritmo, os instrumentos, a ginga e requebrados do samba são expressivos neles.

É nessa comunidade, marcada por histórias de luta, resistência, e toda essa riqueza cultural que se traduz também em muita arte, que está inserida o Marista Escola Social Lúcia Mayvorne, da qual, desde 2014 faço parte, ocupando o cargo de docente titular em música (educador musical).

A Marista Escola Social Lúcia Mayvorne está situada dentro da comunidade do Mont Serrat, escola essa, que faz parte do Grupo IVG, Instituto Pe. Vilson Groh. O grupo Marista que é parceiro do IVG, também tem uma filantropia com o governo do estado, que é o dono do prédio onde funciona a escola. O Grupo Marista é responsável por todo corpo docente e administrativo, e na contrapartida o prédio é cedido pelo governo. Todos os estudantes da escola são bolsistas, após um cadastro realizado pelas famílias, comprovado uma renda mínima por morador, esse aluno poderá ou não receber o benefício da bolsa integral.

E nesse cenário, estão os sujeitos de estudo. Trata-se de uma turma de anos finais do ensino fundamental II, a classe tem fama de ser uma turma “muito agitada” dentro da escola. É formada por 32 adolescentes, sendo do total, 14 meninas e 18 meninos, turma predominantemente negra e com faixa etária entre 13 e 17 anos de idade.

A defasagem entre idade e série e número de estudantes repetentes, fazem com que essa turma, necessite de maior atenção por parte de toda equipe pedagógica escolar. Segundo os docentes, há dificuldades para realizar algumas atividades, principalmente pelo fato de serem constantemente interrompidos pelo excesso de brincadeiras, conversas paralelas, além do histórico da não realização das atividades que são enviadas para serem feitas em casa, assim como, o descumprimento do código de convivência da escola, a não entrega dos trabalhos solicitados no prazo, são atitudes negativas que caracterizam e que de certa forma, são essas ações que acabam alimentando e substanciando esse estereótipo negativo em relação à classe.

Porém, percebo que essa turma é detentora de muitos talentos dentro de todo segmento de fundamental II anos finais, temos entre seus estudantes, adolescentes com bastante expressão na dança, música e com resultados satisfatórios no quesito proficiência acerca dos conteúdos disciplinares do currículo formal.

Ao longo do meu trabalho nessa comunidade escolar, fui sendo instigado a fazer algo na direção da tomada de consciência pelos próprios jovens, enquanto seres pensantes e atuantes no mundo. Objetivamos discutir, problematizar e pensar sobre os lugares eles ocupam e quais eles querem ocupar, buscar uma melhor perspectiva de vida, mesmo que isso seja ir contra tudo que é oferecido a eles pela sociedade atual, o problema se dá, na incorporação de outras culturas impostas pelo externo e a desvalorização de sua própria, o não reconhecimento de si, enquanto potência.

Para tanto, optamos pelo **Método pesquisa-ação**, esse método de pesquisa tem como uma de suas características, o fato de o pesquisador estar em contato empírico com os sujeitos da pesquisa, e esses envolvidos em uma ação conjunta que objetiva sanar a problemática levantada.

Como atuo com a turma como professor de música, esse método foi apontado como mais adequado ao contexto da pesquisa, o que facilitou a prática das ações escolhidas durante o processo. A seguir discorreremos sobre o método.

1.2. A pesquisa-ação

A pesquisa ação tem como característica, ações desenvolvidas pelo pesquisador e a flexibilidade durante todo processo de pesquisa, uma vez em que o pesquisador não segue uma ordem cronológica na realização das etapas previstas nesse método.

Essa metodologia, utilizada em várias áreas de conhecimento é muito bem descrita por Antônio Carlos Gil (2010).

Pesquisa-Ação: quando concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Gil, 2019, p. 42)

Já Marconi e Lakatos (2010) trazem uma outra denominação para esse tipo de método, chamando de “Investigação Ação Participativa”, segundo as autoras através da aplicação desse conceito,

Forma-se uma equipe integrada, unindo pesquisadores, agentes de mudança, com o grupo ou comunidade na qual se realiza a investigação, interagindo os criadores do projeto de pesquisa com os representados da própria realidade, os construtores de um projeto de vida. Considerando o sujeito da investigação capaz de ação e poder transformador (Marconi e Lakato, 2010, p. 73)

Diante do exposto, percebe-se que o método contempla o contexto em que a pesquisa está inserida, tornando seus envolvidos autônomos na busca de suas respostas, fazendo com que os sujeitos da pesquisa, sejam coautores em seus processos independente do cenário em que se encontra o problema.

A perspectiva adotada no presente trabalho é de caráter qualitativo, tendo a pesquisa ação como ferramenta central na busca dos resultados dentro do âmbito de uma pesquisa aplicada.

O conceito utilizado para justificativa da pesquisa qualitativa neste trabalho, vem de encontro com o pensamento de John W. Creswell (2007), nele o autor diz:

A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa Isto significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados. Inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teoricamente, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas. Isso também significa que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico específico. Não é possível evitar em interpretações pessoais, na análise dos dados qualitativo (Creswell, 2007, p. 186-187)

Ainda sobre a visão da pesquisa qualitativa segundo Creswell (2007), a pesquisa pode ser construída na seguinte sequência: identificar a estratégia de investigação específica que será usada; Fornecer informações históricas sobre estratégia, como disciplina de origem, suas aplicações uma breve definição; Discutir por que que essa estratégica é apropriada para usar no estudo proposto; Identificar como o uso da estratégia vai influenciar as questões ou perguntas, a forma de coleta de dados.

Já a pesquisa aplicada é trazida por Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2010), dizendo que essa, “se caracteriza pelo interesse prático, e pelos resultados aplicados e utilizados na solução de um problema” (Marconi e Lakatos, 2010, p. 6).

Para o Antônio Carlos Gil (2010) a pesquisa aplicada, “são voltadas a aquisição do conhecimento com vistas a aplicação numa situação específica” (Gil, 2010, p. 27).

Nessa fala o autor usa como critério de classificação do tipo de pesquisa, através de sua finalidade.

Ainda para Gil (2010) o que difere a Pesquisa Ação dos outros tipos de pesquisa:

É o fato dos aspectos da pesquisa ação envolverem ação dos pesquisadores e dos grupos interessados que acontecem nos diversos momentos da pesquisa impossibilitando apresentar um planejamento em fases coordenadas temporalmente, ocorrendo um constante movimento entre as fases determinado pela dinâmica que o pesquisador irá realizá-las, dentro da situação pesquisada (Gil, 2010, p.151).

Para o autor como parte importante do processo da pesquisa ação, ainda que com variações e sem cronologia, podem ser consideradas algumas etapas, como:

A fase exploratória, que determina o campo de investigação e a expectativa dos interessados; A formulação do problema, onde são trabalhadas formas de atingir o problema com maior precisão; A construção de hipóteses, tornando está mais clara concisa e sem ambiguidade para o pesquisador; A seleção da amostra, que colabora dentro do universo da pesquisa determinando os elementos que serão pesquisados efetivamente. A coleta de dados, dentre as técnicas utilizadas tem a entrevista que se aplica de forma coletiva ou individualmente. Análise e interpretação de dados, que implica considerar os passos: categorização, codificação, tabulação, a na análise estética e generalização. Elaboração de plano ação, é um planejamento da ação determinada a enfrentar o problema que foi o objeto da investigação. Nesse quesito encontram-se alguns passos a serem seguidos; os objetivos que se pretende atingir, a população a ser beneficiado com a pesquisa, a natureza da relação da população com as instituições que serão afetadas, a identificação das medidas que podem construir para melhorar a situação, os procedimentos a serem adotados para assegurar a participação da população e incorporar suas sugestões e, a determinação das formas de controle no processo de avaliação do seus resultados(Gil, 2010, p. 152-155).

Sendo assim, o resultado que conceituará a relevância deste trabalho, está relacionado aos dados recolhidos através das ações pedagógicas realizadas durante

as aulas de música pelo pesquisador, sendo este o resultando de quaisquer naturezas.

Os resultados são pautados nas atividades musicais desenvolvidas dentro do plano de ação que norteia a pesquisa. Essas atividades trazem como conteúdo a história da música popular brasileira, que resgata a ancestralidade africana, história e prática da capoeira, como manifestação cultural legitimamente afrodescendente, a biografia de Luiz Gama, sendo esse, fonte de inspiração ao povo negro e a apresentação da Diáspora africana, que os estudantes conheceram através do mapa, os lugares na África de onde foi tirada a maioria dos escravos dos grupos sociais daquele continente, alocados no Brasil enquanto escravos e escravos. Essas ações descritas acima, junto com seu cronograma, estão melhor detalhadas no item que a seguir.

1.3 Cronograma e descrição das ações

As ações são as práticas pedagógicas realizadas, elas irão promover a legitimidade dessa pesquisa. São parte fundamental do que rege a metodologia aplicada neste trabalho, pesquisa AÇÃO, comprovando empiricamente a eficácia das propostas de atividades.

Como primeiro passo realizamos uma entrevista, em seguida, foi feita uma primeira atividade que consistia em uma pesquisa sobre a história da música popular brasileira. A atividade foi organizada de modo que os educandos formassem duplas, depois, por meio de sorteio, coube a cada dupla um gênero da música popular brasileira a ser pesquisado por eles. Utilizamos a palavra popular como sendo remanescente do popular da era pós-rádio, e da música comercial. Após a pesquisa foi indicado que cada dupla, com ajuda do professor, montasse uma apresentação, utilizando a ferramenta Power Point. Essa sequência foi pensada para que desenvolvam o hábito da pesquisa, da coerência na hora de montar e explicar cada gênero e a experimentassem ao falar em público, como forma de valorizar suas produções e no desenvolvimento de sua autonomia.

A segunda ação incidia em uma aula que provocasse nos sujeitos da pesquisa, algum tipo de reencontro, algo que pudesse reconectá-los com as manifestações culturais hoje denominadas afro-brasileiras, sendo essas, heranças culturais deixadas

pelos africanos que conseguiram atravessar o Atlântico, e aqui no Brasil, ajudaram a construir essa arte que conhecemos hoje como capoeira.

A capoeira é uma das mais conhecidas manifestações culturais afro-brasileiras, é altamente respeitada e praticada no mundo.

A terceira atividade foi uma roda de conversa, nela a turma foi apresentada a Luiz Gama (1830-1882). Um importante líder abolicionista, jornalista e poeta brasileiro, que mesmo sendo vendido pelo próprio pai aos 10 anos de idade, conseguiu estudar e ajudar outros negros na busca de uma vida melhor, além de ter sido pioneiro em vários aspectos, tornando sua luta uma inspiração até hoje.

A quarta e última atividade desenvolvida antes da coleta dos dados alcançados, foi expositiva. Organizamos uma apresentação com o auxílio de um mapa. Os estudantes puderam identificar as regiões geográficas de onde eram trazidos a maioria dos africanos escravizados para o Brasil. Desse modo, entender para que região brasileira pertencentes a uma determinada etnia eram alocados aqui.

O processo metodológico previu, portanto, uma entrevista do tipo roda de conversa, antes, e um questionário após as atividades nas aulas de música. A intenção dessa entrevista era investigar como esses jovens se sentem em relação ao racismo e a invisibilidade social em que são submetidos cotidianamente.

Foi observado que desde muito cedo, descobrem o preconceito apenas por serem negros e viverem em uma comunidade desassistida pelo poder público e estereotipada por quem não a conhece. A partir dessas falas conhecemos a real dimensão dessa problemática, e o panorama socioemocional em que os sujeitos de pesquisa se encontram.

No fim das aulas que foram preparadas com a intenção de desconstruir a realidade do racismo naturalizado, foi feito um questionário, para que com essas respostas pudéssemos descobrir se as aulas pensadas com a intenção de fortalecer a identidade desses estudantes afrodescendentes, que até então, encontrava-se desestabilizada e vulnerável, teria um resultado positivo.

Esse é o cronograma que regeu as ações desse trabalho:

22/08 a 04/09	Definição do sujeito de estudo, fase exploratória e formulação do problema.
05/09 a 18/09	Construção de hipóteses e realização de seminário, seleção e amostra, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, elaboração do plano de ação.
12/09	Entrevista / roda de conversa
19/09	Apresentação de seminários sobre a música popular brasileira
10/10	Estudantes dispensados por falta de água no prédio.
18/10	Atividade com a Turma 81 <i>Capoeira Angola</i> .
24/10	Atividade com a Turma 81 <i>Biografia Luiz Gama / Cotas Raciais</i>
31/10	Atividade com a Turma 81 <i>Diáspora africana</i> .
07/11	Coletas de dados/ respondendo questionário.
19/11	Considerações finais.
22/11	Entrega do TCC a Banca.

1.3.1 PESQUISA E SEMINÁRIO.

Nas aulas sobre a história da música popular, realizadas na sala de informática do Marista Escola Social Lúcia Mayvorne, os estudantes pesquisaram referências livres utilizando a rede mundial de computadores. Optou-se como ponto inicial, pelos gêneros da música popular desde a chegada dos portugueses ao continente americano, até a música brasileira globalizada e contemporânea.

Os estudantes formaram duplas, sortearam um gênero da música popular brasileira. Esses gêneros musicais contam a história de nosso país e os movimentos sociais ocorridos em cada época. Entre os gêneros pesquisados estão a modinha, maxixe, lundu, baião, samba, choro, samba enredo, samba-canção, bossa nova, tropicália, música de protesto e sertanejo.

As pesquisas realizadas pelas duplas de estudantes selecionaram o contexto histórico de cada gênero; nesse momento, ainda na sala de informática, montaram slides, com o auxílio do pesquisador. Na atividade de montagem dos Slides, era necessário conter além do contexto histórico, imagens ou gravuras da época, os compositores e intérpretes relevantes e principalmente exemplos sonoros (gravações)

para apreciação na sala de aula. Para depois, em formato de seminários, apresentar o resultado de sua pesquisa aos colegas.

As apresentações nesse formato foram pensadas com o intuito de terem maior dinamismo na exposição do conteúdo e dar autonomia aos estudantes, tanto na maneira de desenvolver um pensamento coerente na hora da apresentação/explicação, como também na forma de se expressar diante da turma.

Foram destinados para a realização da pesquisa e montagem das apresentações três aulas de 45 minutos, e para apresentação dos seminários ao grande grupo, duas aulas.

1.3.2 “VAMO JOGÁ CAPOEIRA”?

Entre as várias manifestações culturais que chegaram foram criadas e com o passar do tempo, modificadas e que são heranças do povo africano, está uma das mais populares no Brasil e no mundo, a capoeira.

Pensando nisso convidamos uma professora especialista no assunto, mais especificamente na capoeira Angola, a professora Vânia Rodrigues. A educadora abordou vários aspectos dessa arte, desde a historicidade da capoeira, trouxe um panorama de como os africanos chegaram ao Brasil, sendo vendidos como objetos, pouca comida e até a forma com que foram arrancados de seus costumes e tradições. A história dos africanos no Brasil foi marcada por muita dor e sofrimento, porém, esse povo forte e resistente, reverteu toda essa dor em amor, construindo uma cultura rica e maravilhosa, através de outras manifestações culturais deixadas como herança, por exemplo: o MARACATU, JONGO, FREVO, SAMBA DE RODA, MACULELÊ e até mesmo o próprio SAMBA.

Contou ainda, que a capoeira por muitos anos foi marginalizada chegando a ser proibida, sendo liberada a partir dos anos 1930. Apresentou aos estudantes a história do mestre Bimba, idealizador da conhecida da chamada capoeira regional baiana. Ele adicionou à capoeira angola golpes de lutas marciais. Essa “nova forma” de jogar capoeira foi a tentativa que o mestre Bimba encontrou de torná-la mais

valorizada e deixar de ser vista como marginalizada. Porém, outro mestre, conhecido como Pastinha manteve a capoeira tradicional de angola.

Segundo a professora, apesar dos portugueses tirarem tudo dos africanos, os transformando e os tratando como objetos, não conseguiram tirar seus corpos. Pois podem tirar de suas casas, tirar do convívio de seus familiares, mas seu corpo não tem como tirar de você e a capoeira surge daí. Os africanos têm uma relação linda com o corpo, na dança, na capoeira e na música, uma das únicas maneiras que os africanos tinham para manter e ter contato direto com sua ancestralidade.

Foi por meio do corpo que os africanos conseguiram guardar o máximo de suas memórias ancestrais. A professora explicou que, para o povo africano, a ancestralidade está ligada ao respeito e todo conhecimento aos mais velhos. Mesmo depois que os mais velhos morrem, para os africanos eles, ainda assim, estão presentes, pelo fato de não serem esquecidos. É por isso, que eles não deixam os conhecimentos dos mais velhos esquecidos, perpetuando de gerações em gerações com ajuda da tradição oral. Entre as várias privações de direito sofridas pelos escravizados, encontrava-se também a de não estudar, não aprender a ler e escrever.

A capoeira veio através dos povos escravizados, mas chegando aqui no Brasil, se tornou também brasileira através de grande influência dos povos indígenas. Isso porque quando os negros conseguiam escapar de seus donos (fazendeiros), iam para as matas e formar os quilombos, e na mata eles encontravam indígenas, desde então, aconteceram muitas trocas culturais. Mestre Moa, assassinado em 2018, vítima de preconceito, cantava uma música que dizia assim, “Capoeira Angola vem de lá, afro-brasileira indígena”, comprovando que na capoeira angola existe influência indígena.

Inicialmente conta a professora que a capoeira também era uma forma de se defender. Usava-se como defesa contra os vários tipos de violências sofrido pelo povo africano. Porém a essência da capoeira sempre foi de brincar, divertir-se com o outro na roda, a capoeira era uma forma de dar ânimo e alegria para quem sofria tanto enquanto escravizado. Mestre Pastinha dizia que “a capoeira foi feita para jogar com o outro, nunca para ser usada contra o outro”.

Para finalizar a aula, a professora convidou todos os estudantes a fazerem uma prática de roda de capoeira. No início da roda, ela demonstrou que a maioria dos movimentos utilizados na capoeira Angola são desenvolvidos próximos da terra, o solo, esses movimentos são explicados através da relação que o povo africano tem

com o divino, que está ligado com a mãe terra. Enquanto outras religiões neopentecostais relacionam-se com o divino, utilizando gestos que apontam para o céu, os africanos dirigem-se à Terra.

Após essa explicação, a professora dividiu os instrumentos que constituem uma roda de capoeira, o pandeiro, o agogô, o berimbau e o atabaque. Em seguida, demonstrou a divisão rítmica de cada um desses instrumentos, e ensinando aos demais, que não estavam tocando a letra da música que seria cantada durante a roda. Mostrou-lhes a forma correta de bater palma, mencionando que a palma tem um papel importante na roda de capoeira, uma roda boa é aquela cujas palmas são fortes e possui uma boa sincronia rítmica.

Os estudantes participaram de forma tímida dessa prática, que durou em torno de 15 minutos, nem todos tiveram coragem de jogar a capoeira, porém, era nítida a alegria da maioria em jogar capoeira com ela e outros colegas.

1.3.3 AULA SOBRE A HISTÓRIA DE LUIZ GAMA

Para finalizar as ações pedagógicas, a professora e orientadora do presente trabalho, Vânia Müller, foi até a escola para contar aos estudantes a história de um importante líder abolicionista, jornalista e poeta negro, Luiz Gonzaga Pinto da Gama.

Iniciou a história contando que seu pai era um fidalgo português e sua mãe uma escrava livre, e que por sua mãe ter participado de movimentos sociais importantes na época, voltadas ao fim da exploração de escravos, obrigou a deixá-lo aos cuidados de seu pai. Seu pai tinha um histórico de vícios em jogos, Luiz tinha apenas 10 anos de idade, quando seu pai acabou o vendendo como escravo para um comerciante. Por fim, o comerciante não conseguiu vendê-lo a nenhum fazendeiro ou interessado no menino negro, alegando que o principal motivo, era o fato de Luiz ser baiano, que na época os baianos tinham fama de serem insubordinados. Então o comerciante se obrigou a levá-lo para sua fazenda, lá havia um estudante de 17 anos que foi quem o ensinou a ler e escrever.

Após uma tentativa de entrar para forças armadas e fazer a faculdade de Direito, onde foi muito hostilizado pelos professores e colegas por ser negro e filho de escrava, frequentou as aulas apenas como aluno ouvinte, e em seguida, fugiu para a cidade de São Paulo, em 1850 casou-se e teve um filho.

Luís Gama chegou a ser preso por 39 dias, por uma insubordinação as forças armadas do qual fazia parte nesse período. Após a sua prisão, foi expulso da corporação, mesmo sem ter o diploma de bacharel em Direito, com o conhecimento adquirido durante o tempo em que foi aluno ouvinte no curso, atuava juridicamente em favor de escravos que não tinham dinheiro para pagar outros advogados.

Como jornalista, fundou dois grandes jornais na cidade de São Paulo, um era chamado de “Jornal Diabo Coxo” e o outro era o “jornal Paulistano”. Esteve sempre envolvido na luta contra escravidão, se tornando um grande líder abolicionista no Brasil, fundou o partido “Republicano Paulista” e foi líder da “Mocidade republicana abolicionista”.

Na literatura, encontrou-se nos poemas, suas produções satirizavam a aristocracia e os poderosos líderes da época, entre suas publicações com maior destaque, está uma coletânea de Sátiras. Seu poema mais famoso é “QUEM SOU EU”? popularmente conhecido como “BODARRADA”, uma brincadeira que tentava ridicularizar os negros.

Quem Sou Eu? : (...)
Se negro sou, ou sou bode
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda casta
Pois que a espécie é muito vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baíos, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus e outros nobres.
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios importantes,
E também alguns tratantes... (GAMA, Luiz, 1859)

Depois da história sobre Luiz Gama, a aula seguiu com uma prática musical voltada a percussão afro-brasileira, tendo como gênero escolhido o samba reggae, a professora convidou os estudantes a tocarem.

A instrumentação utilizada foram os surdos, caixas, agogô e o atabaque. Quando cada um dos estudantes escolheu seu instrumento, a professora passou de um em um ensinando os toques (célula rítmica) de cada um desses instrumentos e ao

final, após haver uma estabilidade sonora individualmente, todos tocaram juntos, quando adquiriram mais confiança na manipulação do instrumento e no ritmo ensinado, foi dada a liberdade de improvisação para cada instrumentista.

Pela timidez dos adolescentes, nem todos tocaram ou sentiram o desejo de tocar porém, demonstraram satisfação e alegria em poder expressar sua musicalidade através dos instrumentos.

2. REVISÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Racismo e desigualdade social

De acordo com a revisão bibliográfica realizada, descobriu-se que somente a partir dos anos 2000, o Brasil começou a pensar, e colocar em prática, políticas públicas voltadas para a questão do racismo em sala de aula. Como menciona, Priscilla Hygino Donato (2018) em seu artigo com o título, “SIM, SOU NEGRA!: As aulas de música e a construção da identidade afro-brasileira”. Sobre as questões do racismo e repressão social nesse trabalho, propõe aos professores, ações através das manifestações culturais trazidas com os africanos, como o Jongo e Maculelê e a capoeira, inseridas nas práticas desenvolvidas nas aulas de música. A autora afirma que essas práticas podem contribuir positivamente nas questões raciais vividas dentro da escola, para que então, alunos e professores sejam agentes multiplicadores para além dos muros da escola.

Nessa luta, porém, não se pode negar que o professor ocupa as trincheiras, onde o conflito é mais aguerrido. Uma vez que a legislação dispõe sobre a prioridade das Artes na abordagem do tema étnico-racial (entre outras disciplinas de Humanidades), é preciso que ocupemos a vanguarda na luta pela implementação dessas leis para que elas sejam de fato um avanço na direção de uma escola mais inclusiva e democrática e, por conseguinte, de uma sociedade mais justa e igualitária. (Donato, 2018, p.38)

Como mencionado, atualmente esse tema tem sido abordado com mais frequência, ganhando o seu espaço, ainda muito longe do ideal, porém, iniciado e sendo recorrente nas diversas camadas sociais, em rodas de conversas, escolas, universidades e em diálogos dentro das próprias comunidades, sendo essa a mais impactada e beneficiada com essas ações voltadas para as questões étnico-raciais.

Um dado recente trazido pelo IBGE no ano de 2016, mais especificamente pela agência de notícias do IBGE, nos mostra uma publicação feita para a revista Retratos, que tem o seguinte título: “IBGE mostra as cores da desigualdade”.

As estatísticas de cor ou raça produzidas pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os

indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos. (GOMES; MARLI, 2018, p. 8).

A metodologia utilizada pelo IBGE afim de levantamento dos dados, foram entrevistas, com base na autodeclaração, a pergunta realizada pelos agentes era: A sua cor ou raça é: branca, preta, amarela, parda ou indígena?

Podemos analisar de forma mais clara, se olharmos o gráfico (figura1) abaixo:

Figura 1: Estatísticas sobre racismo



Fonte: Gomes e Marli (2018, p. 9).

Com base nesses dados, podemos ter uma noção do quanto o povo negro é subjugado e de maneira geral, os que mais sofrem quando se trata de desigualdade social, o quanto a cor de sua pele ainda influencia em sua vida.

Para Tomás Rigoletto Pernias (2018) a desigualdade social vem se desenvolvendo de forma alarmante, em todo planeta e o Brasil por ter o histórico de um dos países de maior disparidade na renda per capita por individuo, desponta junto com países do oriente médio essa triste realidade. O nível de desigualdade no Brasil é tão grande, que está sendo utilizado um termo específico para países com esse histórico, “fronteira da desigualdade” quem carrega essa nomenclatura tem casos de maior gravidade quando se fala em desigualdade social.

Nesse mesmo documento, recém lançado, consta que a desigualdade social aumentou. Afirma que paralelo a isso, houve também um aumento na concentração de renda, coisa que desde dos anos 1980 não acontecia, destaca que de forma acelerada em países como Estados Unidos, China e Índia, e de forma um pouco mais moderada em países da Europa.

Segundo autor, nesse documento, está descrito de forma clara a velocidade em que aconteceu o crescimento da desigualdade em relação a concentração de riquezas, mostrando o papel relevante das políticas públicas e das instituições em moldar a seu favor, as formas e intensidade desse crescimento.

Nesse relatório é colocado que o Brasil com toda essa pobreza instaurada do campo até as grandes cidades, se manteve estável, porém a prospecção não é nada animadora. O Brasil no passado teve um índice de país com maior igualdade socioeconômicas entre os cidadãos, que se iguala aos países mais desenvolvidos e hoje encontra-se com os índices de desigualdade social comparados aos dos países do Oriente Médio. Por esse motivo, o Brasil compõe esse documento chamado “fronteira da desigualdade”, criado para designar os países mais vulneráveis, onde a desigualdade social é intensa e crescente a cada dia.

Combater essa desigualdade no Brasil está longe de ser uma prioridade, os interesses e algumas discussões por parte dos economistas, a passos lentos caminham com bastante dificuldade, uns querendo negar e deslegitimar o problema, outra hora, dizem não ter o que se fazer com o assunto, isentando-se, uma vez que o maior interessado não é ele e nem ninguém com quem ele se importe.

Existem vários interesses por trás de cada ação em favor de minimizar ou até mesmo eliminar a desigualdade no Brasil, porém o preço a se pagar é o que relativiza essas ações. Principalmente quando vem da classe que mais se privilegia disso, os políticos. Essa é uma das falas mais comuns entre eles para sempre ganhar alguma coisa em troca, para que alguém ganhe, outro alguém precisa ser explorado e assim por diante.

Por fim, o autor coloca os grandes níveis de desigualdade social como disfuncionais, tanto no ponto de vista econômico, como no ponto de vista político.

No ponto de vista econômico, porque ao aumentar a renda nas camadas mais altas da sociedade, diminui a renda nas camadas mais baixas, limitando o poder de consumo dessa classe, que é predominante em quantidade. Essa disparidade, afeta substancialmente a demanda agregada da economia.

No ponto de vista político, o crescimento e uma quantidade alarmante de desigualdade social, desequilibra a democracia, uma vez que, quem já tem o poder poderá influir a seu favor politicamente, moldando instituições e regendo as políticas públicas a seu favor, neutralizando uma tentativa de melhor distribuição de renda.

Existem estudos publicados que buscam através da educação básica, propor um novo diálogo, uma nova forma de pensar a pedagogia musical, que não diga o que se deve ser ensinado, tendo como base apenas a escrita e as vivências euro centristas, mas que atue e colabore no processo de educação multicultural, unindo as diversidades culturais e valorizando o contexto em que está inserido, mudando a lógica do modelo atual e enfraquecendo a hierarquia social imposta pelos colonizadores. Como de forma grandiosa Batista, (2018) descreve:

Nessa margem de problematização sobre a Música na escola, com diálogo entre currículo, relações étnico-raciais e decoloneidade, apontarei as tensões existentes no que se pratica, em termos de processo de Educação Musical, para debater as questões hegemônicas, excludentes e perversas que o colonialismo e a colonialidade abissalmente demarcam às práticas pedagógico-musicais. (Batista, 2018)

Embora saibamos que somos influenciados e atacados constantemente pelos efeitos remanescentes da globalização, deve-se pensar o que vemos e praticamos quando o se trata de educação e mais especificamente, na educação musical, foco deste trabalho e ferramenta eficaz também na ciência humana, onde é direcionado a humanização através das produções culturais, estudando a história desde o do homem antigo até a contemporaneidade.

No intuito de tonar mais visível a utilização de uma educação antirracista, aliada à uma pedagogia com maior relevância na valorização cultural afro-brasileira, podemos cita a Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003 que em seu texto determina:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º-O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003)

Pode-se entender de forma clara e objetiva que somente através da educação podemos acessar e transformar de forma empírica, as próximas gerações, fazendo

da conscientização e informação, uma forte aliada no combate à desigualdade racial, absorvendo dos estudos da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, valorizando a participação do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (Batista,2018, p. 55)

No trabalho de conclusão de curso de Sabrina Ana Maria da Silva (2015), ela faz uma análise da situação educacional do povo negro, mostrando todo o processo educacional que ocorreu desde a abolição da escravatura, até os dias de hoje.

Na pesquisa realizada com professores da rede de ensino municipal de São José, Santa Catarina, podemos perceber que, embora tenhamos leis que obriguem a valorização cultural afro-brasileira, encontramos um cenário ainda mergulhado nessa desigualdade, e o poder público, o qual deveria ser o primeiro a incentivar através de curso, capacitações específicas não o faz, apesar de existir a lei, os profissionais da educação não recebem materiais atualizados, que auxiliem na busca da não violação de direitos.

No trecho abaixo, a autora coloca de forma empírica a triste situação atual:

A maioria dos livros didáticos, que foram observados na instituição infelizmente, ainda baseia-se em edições anteriores que são apenas reformuladas, não atualizando seus conteúdos de acordo com a legislação vigente. Podemos verificar isso nos livros que são encaminhados para as instituições de ensino, os mesmos são utilizados por diversas turmas, independente das características das mesmas e especificidades dos alunos que a compõem. Baseados nestes livros é que muitos dos professores planejam suas atividades e elaboram os currículos escolares, que acabam deixando de lado conhecimentos importantes que devem ser apresentados em sala de aula. (Silva, 2015).

Ainda nessa pesquisa, constatou-se o despreparo das instituições em fornecer capacitação e subsídios aos docentes, para que se atualizem e trabalhem de forma consonante com as áreas de conhecimento e o perfil populacional contemporâneo, como diz a autora, “as instituições de ensino devem ter a consciência de que o Brasil é um país multiétnico e pluricultural e fazer com que todos os educandos sejam incluídos neste processo de aprendizagem” (Silva 2015).

Embora tenhamos leis que estabelecem caminhos para se alcançar uma igualdade social, dentro da educação básica, ainda está longe de alcançar tal feito, a questão do racismo, ainda se encontra maquiada e invisível há muitos olhos, tornando esse processo ainda distante do almejado. Com um corpo docente em consonância

na luta contra a hegemonia estabelecida, mas também, com qualificação específica, voltada às causas sociais, sobretudo as étnico raciais e valorizando e reconhecendo o povo que construiu o país.

Jailza Conceição Alves (2017) constatou que materiais didáticos podem trazer visões preconceituosas em seus conteúdos, conteúdos esses que acabam favorecendo uma supremacia dos padrões de origem europeia. Junto a esse fato historicamente construído em nosso país, chama a atenção, que alguns educadores acabem reproduzindo esse tipo de conteúdo em suas aulas, culminado em ações negativas, que fortalece a discriminação social e estereotipa toda uma raça.

Pode-se pensar então que toda invisibilidade que o povo negro sofre hoje em dia, está também por esse fato relacionada e naturalizada dentro das várias camadas da sociedade.

O que o presente trabalho almeja é pensar formas de trabalhar na desconstrução desse preconceito, que encontra-se impregnado socialmente e que por sua vez, vem se fortalecendo através de ações subliminares, que estão em todos os lugares, sendo reproduzidas de várias maneiras, prejudicando em específico, todo um povo que já sofreu e continua sofrendo apenas pela cor de sua pele.

2.2 Relações étnico-raciais. Educação. Educação Musical

Para Rogerio Mendes de Lima e Fernanda dos Santos Vallim da Silva (2018) a escola é um lugar de maior importância no desenvolvimento social do indivíduo, nela conhecemos as diferenças, de cor, raça, social e aprendemos a conviver com elas, porém é o lugar onde o que for absorvido, será reproduzido, nessa perspectiva entende-se ser esse um espaço de problematizar e desconstruir efetivamente toda forma de segregação que existir na sociedade.

Utilizando o papel do professor para essa desconstrução por meio de ações pedagógicas, mesmo que para se ter uma maior eficiência no processo, seja necessário pensar em um trabalho voltado a reestruturação político-pedagógico dessa instituição que é a escola, para vir a propiciar uma educação que liberte, emancipe e que através de diálogos e debates, possam fortalecer os jovens e adolescentes que sofrem cotidianamente com o racismo e a desigualdade social, tão naturalizados.

Segundo os autores, a melhor forma de trabalhar essa desnaturalização é através da educação, reafirmando o papel da escola, que recebe esses jovens todos os dias, pensar em ações que venham ao encontro do enfraquecimento dessa dominação patriarcal europeia.

Que a escola seja um facilitador de vidas, e especialmente, os que vivem na periferia, onde a pobreza e a miséria, andam lado a lado. Para que consigam redescobrir de forma mais positivada o que é ser negra/negro, para que protagonizem suas vidas de forma mais leve, tendo consciência de suas capacidades e o quanto são importantes na sociedade.

No contexto em que este trabalho está pautado, cabe usar as palavras de Paulo Freire (2014), a partir do Livro Pedagogia do Oprimido. Segundo seu pensamento, há uma busca desenfreada e a qualquer preço pelo retorno da busca por si, um tipo de humanização. Relata o autor que um dos males que cerca a educação atual é o da desumanização, causado pelo não conhecimento de si, e que nessa procura, reproduzem os que lhe foi dado. A resultante desse tipo de reprodução foi o que tornou o oprimido, quem almeja sair da posição de inércia em que foram colocados, não só pela história de desenvolvimento do nosso país, mas também pela humanização e desumanização no contexto real, histórico, concreto e objetivo, que fazem dos homens seres inconclusos e conscientes de sua inclusão.

O maior problema, segundo Freire, é que nesse processo, encharcado das vivências enquanto oprimido, haja uma duplicidade, onde ele acredita, que a única forma de sair dessa situação é se tornando o opressor e reproduzir no outro, tudo aquilo que viveu. Para ele (oprimido), quando reproduz, no outro, essas experiências ruins, não acha que está fazendo o mal, essas atitudes são normais em sua vida, para ele isso é o certo.

Porém, é papel da educação libertadora fazer com que se entenda que a melhor forma de reverter essa situação de forma substancial, é através de ações de amor, que se possa de forma clara, entender que a pedagogia do oprimido, não pode ser elaborada pelo opressor, pois é um caminho de conhecimento e busca pessoal, mas sim, dos oprimidos para si mesmos e dos opressores pelos oprimidos.

Atentos a uma falsa generosidade por parte dos opressores que nutrem e enganam, deixando um caminho de morte, desalento e de miséria, que enfraquece o

oprimido, o tornando medroso e inseguro de buscar a restauração dessa humanidade, que irá restaurar de forma verdadeira de generosidade.

Nutrindo a forma mais eficaz de então restaurar a libertação, através do amor, do conhecimento, principalmente da necessidade de lutar por ela. Usando toda experiência de ter sido oprimido, como combustível para reflexão, que servirá como principal ferramenta na busca dessa libertação.

Um dos meios de acesso que nos motivam nesse trabalho e a continuar em busca dessa desconstrução social, e que podem auxiliar na busca por um empoderamento racial e alcançando a elevação da autoestima dos estudantes. E que é constante e eficaz num médio e longo prazo. Está descrito pelo educador musical e antropólogo Rodrigo Cantos (2018) menciona as leis, que obrigam o tema, história e cultura africana enquanto conteúdo dentro dos componentes curriculares, e afirma que em Florianópolis, Santa Catarina, existem ações que acreditam na relevância em discutir esse assunto no sistema educacional da cidade, sobre esse ponto o autor afirma que:

Diante da constância com que o tema se faz presente em leis, diretrizes curriculares, planos nacionais, estaduais e municipais e diversos documentos oficiais, pode-se dizer que há certo consenso da importância de trabalhar a diversidade em todos os âmbitos educacionais (CANTOS, 2018, p.98).

O que vem a fortalecer e certificar a relevância desse trabalho para sociedade, que a escola e a Educação são fundamentais na luta dessa desconstrução social, e que esses conteúdo dentro dos mais variados contextos podem ser desenvolvidos, atentando para a importância de se ter um olhar para o além de mero conteúdo, olhando principalmente para questões que tangem as “diferentes possibilidades de transmissão e produção do conhecimento” Cantos (2018), valorizando o multiculturalismo que existe em nosso país.

Já Mikaelly Sobral dos Santos e Fernando Antônio Ferreira de Souza (2019, p. 68), nos trazem outro fator que contribui para o enfraquecimento da cultura afro-brasileira são os “valores indenitários locais supostamente ameaçados por tendências de fluidez indenitária decorrentes da globalização”(DOS SANTOS E DE SOUZA, 2019, P.68), esse fator “globalização” é responsável pela invisibilidade das produções culturais africanas e sua ancestralidade, pelo poder comercial que as grandes mídias tem, e ditar seus próprios conceitos estéticos, esses conceitos, estão em todos os tipos de bem e de consumo.

Um caminho que nos ajudou a direcionar esse trabalho é sugerido pelo mesmo autor, e traz a música como uma grande aliada, sendo uma importante ferramenta pedagógica. O autor afirma que “a música é um dos principais elementos culturais e expressivos de representação da identidade individual e coletiva” (DOS SANTOS E DE SOUZA, 2019, p. 68). Vindo de encontro com o objetivo desse trabalho, que de alguma forma colabore positivamente com a comunidade escolar em que está inserida.

Para Leonardo Moraes Batista (2018) é na escola que devemos arrumar meios de mudar a forma de pensar de quem está iniciando sua vida, é na escola que se conhece e aprende a conviver com as diferenças, portanto, o professor deve utilizar sua função, para mudar essa realidade que encontra-se maquiada no moralismo criado pela branquitude, o autor descreve formas de atuar nessa desconstrução.

Uma Educação Antirracista legitima o olhar atento para os indivíduos que sofrem cotidianamente o amargor da violência física, simbólica e, em especial, epistêmica, pois não se reconhecem nas práticas educativas, nos livros didáticos e nem muito menos nos espaços de poder, esses ocupados pela branquitude (BATISTA, 2018, P. 10).

Diante do exposto, surge uma pergunta, como se fortalecer, se quando eu olho para o lado, não vejo ninguém parecido comigo em um destaque social? É comum espelhar-se em músicos famosos ou jogadores de futebol, porém, são muito poucos, comparados à branquitude.

Sobre sonhos, apresento a música abaixo, sugerida pelos estudantes durante o ano letivo e que traz em sua letra a perspectiva de mundo de uma criança:

Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino / Selva de pedra, menino microscópico / O peito gela onde o bem é utópico / É o novo tópico, meu bem / A vida nos trópicos / Não tá fácil pra ninguém / É o mundo nas costas e a dor nas custas / Trilhas opostas, la plata ofusca / Fumaça, buzinas e a busca / Faíscas na fogueira bem de rua, chamusca / Sono tipo slow blow, onde vou, vou / Leio vou, vô, e até esqueço quem sou, sou / Calçada, barracos e o bonde / A voz ecoa sós mas ninguém responde / Miséria soa como pilhéria / Pra quem tem a barriga cheia, piada séria / Fadiga pra nós, pra eles férias / Morre a esperança / E tudo isso aos olhos de uma criança / Gente, carro, vento, arma, roupa, poste / Aos olhos de uma criança / Quente, barro, tempo, carma, roupa, nós / Aos olhos de uma criança / Mente, sarro, alento, calma, moça, sorte / Aos olhos de uma criança / Sente o pigarro, atento, alma, louça, morte / Aos olhos de uma criança / Airgela adiv aigre a açrof / Roma zap edadrebil zov edatnov / É café, algodão, é teto, vendo o chão é certo / É direção afeta, é solidão, é nada (é nada) / É certo, é coração, é causa, é danação, é sonho, é ilusão / É mão na contra mão, é mancada / É jeito, é o

caminho, é nós, é eu sozinho / É feito, é desalinho, perfeito carinho, é cilada / É fome, é fé, é os home, é medo / É fúria, é ser da noite, é segredo, é choro de boca calada / Saudades de pá, pai, quanto tempo faz, a esmo / Não é que esse mundo é grande mesmo / A melodia dela, no coração, tema / Não perdi seu retrato / Tipo Adoniran em Iracema / São lágrimas no escuro e solidão / Quando o vazio é mais do que devia ser / Lembro da minha mão na sua mão / E os olhos enchem de água sem querer / Aos olhos de uma criança / Gente, carro, vento, arma, roupa, poste / Aos olhos de uma criança / Quente, barro, tempo, carma, roupa, nós / Aos olhos de uma criança / Mente, sarro, alento, calma, moça, sorte / Aos olhos de uma criança / Sente o pigarro, atento, alma, louça, morte / Aos olhos de uma criança / Airgela adiv aigrene açrof / Roma zap edadrebil zov edatnov / Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino (Renan Samam / Emicida, 2008)

O cantor de compositor baiano Gilberto Gil, quando Ministro da Cultura em uma entrevista em Genebra (2004), “Capoeira é atitude brasileira que reconhece uma história escrita pelo corpo, pelo ritmo e pela imensa natureza libertária de um homem frente a intolerância”. Para (Costa e Voss, 2018, p. 770 – 785) as palavras de Gilberto Gil, são a motivação necessária, para o aprofundamento sobre a história afro-brasileira e africana em escolas de ensino básico.

Através de práticas pedagógicas em educação musical, trabalhá-las numa perspectiva de herança cultural/ancestral, para que continue a ser difundida por muitas gerações, valorizando como patrimônio histórico e cultural, interligado esses saberes tradicionais e científicos, na busca de um fortalecendo enquanto raça e sujeito.

A capoeira vem a colaborar neste trabalho, por toda ancestralidade existente em sua construção ao longo dos séculos, de acordo com o artigo de Luis Vitor Castro Júnior (2004) a capoeira tem seu nascimento datado a partir do Século XVI, foi a maneira encontrada pelo povo escravizado de se defender da barbárie que se encontravam, onde a violência passava de somente dor física, os donos de escravos também misturavam negros de várias etnias para que eles não pudessem ao menos se comunicar ou manter algum tipo de tradição, e a capoeira nasce desse contexto, como sendo uma forma de proteção, disfarçada de dança.

Enquanto o controle e poder dos senhores de escravos estão pautados na violência, os escravos cansados de apanhar, buscavam formas de se organizarem para fugir aos quilombos, onde lá conseguiam encontrar esperança de uma vida melhor, e onde revigoravam sua existência, voltando a ter contato com sua cultura, que a base da força, era arrancada pela escravidão.

Segundo JUNIOR (2004) essa foi a forma que os negros e negras encontraram de fazer política, tornando aquele canto e luta disfarçada de dança e ações que interferissem na vida de cada indivíduo e da coletividade, como forma de resistência, contra a escravidão a modos de romper com o poder exercido sobre eles.

Sendo a capoeira também um instrumento importante na resistência física e cultural, e que sua prática, tinha a função de manter e preservar a ancestralidade desses povos, além de uma forma de alívio dos trabalhos desumanos a que eram submetidos, sendo também uma fonte de sustento para os negros após a abolição da escravidão, pois faziam apresentações em troca de algumas moedas.

Assim como em outras áreas do conhecimento, na Educação Musical é de suma importância contextualizar os saberes, que neste caso se referem a saberes de uma cultura tida como inferior, de modo geral.

Maura Penna (2005) descreve o quanto enriquecedor é, trazer para sala de aula experiências musicais que contemplem essas muitas culturas, o que ela chama de “multiculturalismo”. Para a autora, “o multiculturalismo busca propostas que possam acolher a diversidade cultural presente na sociedade, contribuindo para a formação de cidadãos tolerantes e democráticos”.

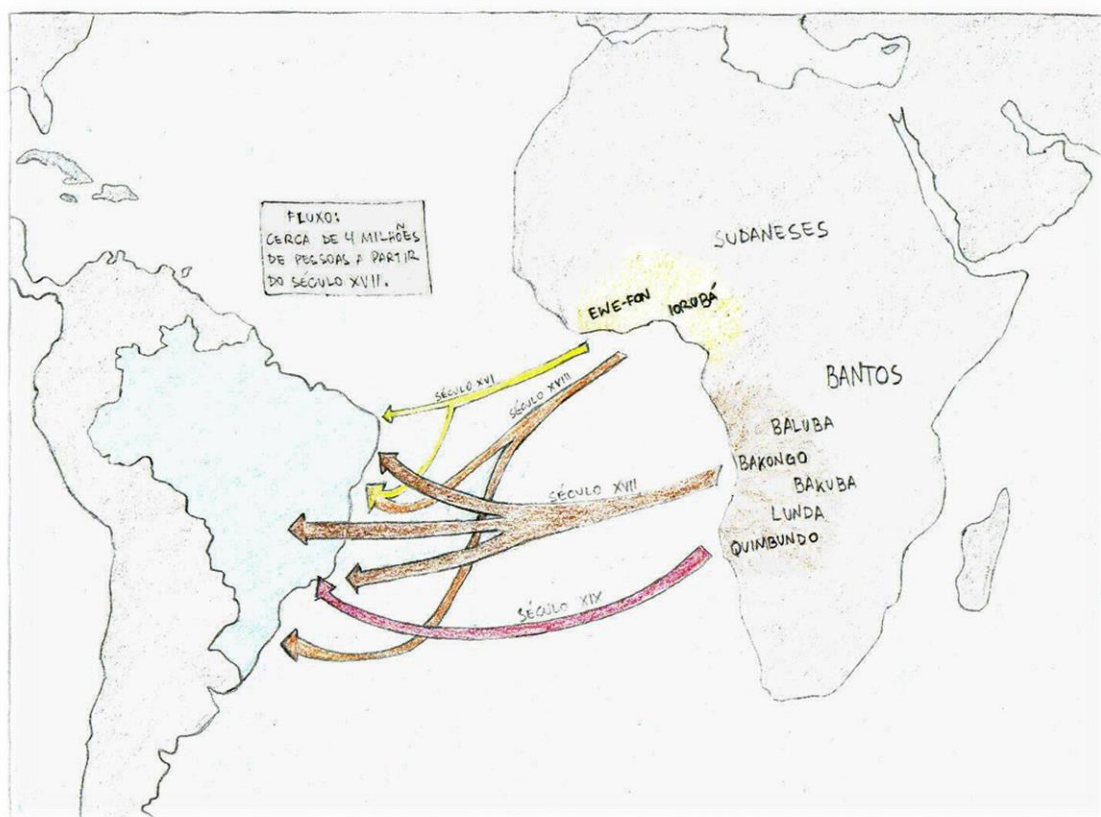
O curso de Licenciatura em Música da UDESC disponibiliza na disciplina Projetos em Educação Musical I leituras que problematizam a desigualdade social e, nela, o racismo e os Direitos Humanos de modo abrangente; isto reforçou meu desejo de abordar esse tema no referido trabalho. Coloco isto, por deduzir que é fundamental ao Educador Musical, desenvolver em sua formação uma postura político-pedagógica favorável ao pensamento crítico, e à valorização da cultura e musicalidade afro-brasileira.

Nas palavras do etnomusicólogo Paulo Dias, a influência da música Africana na música brasileira, assim como em outros países, é muito grande, conta que:

Recorrendo a geografia, a maior concentração de escravos, eram de partes diferentes da África, formando grandes comunidades e entre elas duas se destacavam, a do centro-meridional, chamados de Banto (Angola, Congo e Moçambique), e os sudaneses da África Ocidental (Nigéria e do Benin atuais, aqui denominados jêje-nagôs) (DIAS, 2016).

Os Bantos vieram em maior número, do séc. XVII até a metade do séc. XVIII, porém, alcançou seu apogeu no séc. XIX, já os sudaneses vieram em pequeno

número no séc. XVI, mas conseguiu maior representatividade na segunda metade do séc. XVIII.



Autor: Paulo Dias, etnomusicólogo (Texto baseado em artigo em inglês de Tropical Diáspora)

Fazendo uma avaliação quantitativa dos números de escravos de cada região, constatou-se que a quantidade de Bantos supera a de sudaneses.

A princípio a partir do séc. XVIII os bantos vieram para ocupar o nordeste, mais precisamente para trabalhar com cana de açúcar, porém houve uma migração interna, onde os mesmos, foram trabalhar em Minas Gerais e Goiás, para ai então, já no séc. XIX, irem trabalhar nas plantações de café no sudeste brasileiro.

Através de crônica e viajantes do séc. XVII, dando origens a dois distintos eventos com dança e música, os batuques, mais discretos e isolados realizados principalmente nos finais de semana, e outro de caráter festivo, de partilha religiosa e com passeatas e cortejos, que são as congadas. As congadas, eram formadas por: Maracatus, congos, congadas, moçambique, ticumbis, catumbis, taieiras, cambindas, catopês, marujos, etc. Enquanto o batuque: jongo, batuque de umbigada, candombe, sussa, zambê, tambor de crioula, carimbó, etc.

Organologicamente falando, o povo Banto utilizava instrumentos como tambores com uma só pele, tambores de fricção, como as cuícas e berimbau, já as congadas utilizavam, caixa e alfaias, assim como formavam fabulosos corais polifônicos.

Enquanto os Sudaneses, mantinham as tradições de sua música destinada de forma exclusiva para manifestações religiosas, como o candomblé, sua instrumentação tem ligação direta com os rituais praticados por essa religião, como descreve no texto abaixo:

Em relação aos instrumentos, temos no candomblé o uso de tambores de uma só pele, os três atabaques rum, rumpi e lé, que originalmente tinham sistema de tensão tradicional oeste-africano – couro esticado por cordas atadas a pitões de madeira fincados diagonalmente no corpo do instrumento, e martelados para dar tensão (hoje bastante raro, preferindo-se as tarraxas de metal), (DIAS, 2016).

Esses povos não só contribuíram na formação e crescimento do país, como também implementaram e adaptaram seus instrumentos ao novo mundo para onde foram trazidos, o texto a seguir, traz essa dimensão:

Outra contribuição sudanesa são os tambores de mão bímbranófonos - de duas peles - como os ilús dos xangôs de Pernambuco, os abatás do Tambor de Mina maranhense ou os tambores do batuque sul-riograndense. Os xequerês (BA), aguês (PE), agês (RS), cabaças recobertas por malhas de contas, constituem outro instrumento da África Ocidental utilizado nos candomblés, e hoje incorporados à música popular. Citemos também os sinos de metal conhecidos como agogôs ou gans, presentes em ambas as macroculturas banto e sudanesa, de importância fundamental na condução dos ciclos rítmicos (time-line) e também encontrados em conjuntos não religiosos. (DIAS, 2016)

Após a abolição de 1888, houve uma migração interna gigantesca, que em busca de trabalho remunerado e melhores condições para sua família, os escravizados que se encontravam nos interiores do Brasil, onde trabalhavam nas áreas rurais, começaram a povoar os grandes centros, em especial o Rio de Janeiro, que era a capital do império e depois república brasileira, ocupando os subúrbios e outros espaços marginalizados. Essa concentração de conhecimento foi responsável por o que hoje é reconhecido no mundo todo como símbolo maior de nossa nação:

Aí é gestado o samba urbano carioca, cuja expressão coletiva maior são as escolas de samba. Essas agremiações populares de bairro são o cadinho onde se amalgamam diferentes formas de expressão: dos ancestrais

batuques de terreiro como o jongo, o samba de roda baiano aos cortejos reais dos congos e cucumbis, dos candomblés e macumbas às danças-lutas como a capoeira, a pernada. Do Sudeste banto ao Nordeste nagô. (DIAS, 2016)

Com essa pluralidade das culturas vindas com os povos africanos e suas respectivas singularidades, que misturam o sagrado com o profano, e através dos desfiles e cortejo festivos deram início ao que conhecemos hoje como o carnaval brasileiro, e misturando o cardécismo europeu, com os panteões iorubas, Bantos e indígenas, originou-se a o que hoje é conhecida como uma religião legitimamente brasileira, surgia nas primeiras décadas do século XX, a Umbanda.

3. DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 “O segurança mandou me seguir”: a consciência do racismo

Como detalhado no capítulo 1, a metodologia que foi aplicada neste trabalho, é a pesquisa ação, que se caracteriza pelo fato do pesquisador estar em contato empírico, por ser professor e atuar semanalmente com os sujeitos da pesquisa, e esses envolvidos em uma ação conjunta que objetiva sanar a problemática levantada. Essa problemática surge quando esses jovens estudantes passam a se sentirem diminuídos, pela opressão consequente do racismo naturalizado pela sociedade.

Na entrevista realizada com os estudantes no dia 12 de setembro de 2019, o grupo relata de forma espontânea e comprometida, as experiências que tiveram de racismo. No decorrer da entrevista, o pesquisador pode constatar o sofrimento e indignação dos adolescentes que sofrem na pele o preço de sua cor, de viver em um país racista e excludente, que apesar de toda riqueza herdada de seus ancestrais escravizados, principalmente em torno de toda uma produção cultural, trazidas ao nosso país, sentem e vivem todos os dias, o amargo de pertencer a essa raça, que é perseguida e sacrificada nas cidades brasileiras até o dia de hoje. Como diz a música da escola de samba, Paraíso Tuiuti, que compõe o repertório do grupo Afronize, canta essa o quanto ainda existe de racismo em nosso país e como ela se encontra disfarçada e presente na vida dos negros brasileiros:

Música: Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?

Meu Deus! Meu Deus! / Se eu chorar, não leve a mal / Pela luz do candeeiro /
Liberte o cativo social, meu Deus / Não sou escravo de nenhum senhor /
Meu Paraíso é meu bastião / Meu Tuiuti, o quilombo da favela / É sentinela da
libertação / Irmão de olho claro ou da Guiné / Qual será o seu valor? Pobre
artigo de mercado / Senhor, eu não tenho a sua fé e nem tenho a sua cor /
Tenho sangue avermelhado / O mesmo que escorre da ferida / Mostra que a
vida se lamenta por nós dois / Mas falta em seu peito um coração / Ao me dar
a escravidão e um prato de feijão com arroz / Eu fui mandiga, cambinda, haussá
/ Fui um Rei Egbá preso na corrente / Sofri nos braços de um capataz / Morri
nos canaviais onde se plantava gente / É Calunga, ê! É Calunga! / Preto Velho
me contou, Preto Velho me contou / Onde mora a Senhora / Liberdade / Não
tem ferro nem feitor / É Calunga, ê! É Calunga! / Preto Velho me contou, Preto
Velho me conto / Onde mora a Senhora Liberdade / Não tem ferro nem feitor /

Amparo do Rosário ao negro Benedito / Um grito feito pele do tambor / Deu no noticiário, com lágrimas escrito / Um rito, uma luta, um homem de cor / E assim quando a Lei foi assinada / Uma lua atordoada assistiu fogos no céu / Áurea feito o ouro da bandeira / Fui rezar na cachoeira contra bondade cruel.
(Moacyr Luz / Claudio Russo / Zezé Motta, 2018)

Na entrevista citada acima, um estudante compartilhou com o grupo a situação de racismo e preconceito pelo lugar onde mora, onde foram criados e vivem com suas famílias. Dizer que residem no Mont Serrat, ou em qualquer comunidade que pertença ao maciço do Morro da Cruz ou outras periferias, é ser alvo de desconfiança e demérito, principalmente se sua cor da pele não for branca, diz um estudante:

[...] entrei numa loja e perguntei o preço de uma roupa, a moça perguntou onde eu morava, eu disse, e aí ela perguntou se eu teria dinheiro para pagar, que era para eu comprar uma peça mais barata.” (Relato da estudante)

Associar o poder de compra de uma pessoa ao lugar onde ela mora, é algo recorrente na vida desses jovens. Outro entrevistado relata ter se sentido humilhado por estar em um evento em que era o único negro. Nessa situação, a entrevistada relata que percebeu, *“olhares de desprezo e estranhamento por estar naquele lugar, esse evento, era uma pré-seleção para modelos na cidade de Joinville”*.

Um outro estudante dessa classe diz que *“estava soltando pipa, quando um casal de carro, passou e ficou espionando, para ver se ele mexeria em alguma coisa”*.

Ao longo da conversa, o que era para ser um atendimento comercial padrão, a estudante relata ter sofrido um ato de racismo dentro do shopping, segundo ela, *“os vigilantes se comunicaram para que um deles a seguissem por todo o estabelecimento”*, ela afirma que esse tipo de conduta por parte dos vigilantes, - que por vezes também são negros -, é comum e que diz não saber como pode um negro acusar outro sem ter provas, apenas por ser negro e, quando questiona o vigilante, ele responde dizendo ser apenas seu trabalho, ou seja, o racismo em nosso país está tão normalizado, que não estando de acordo com os padrões estabelecidos socialmente, já é alvo de ataque e repressão, mesmo que de forma gratuita e o mínimo de averiguação prévia.

Os estudantes também afirmam que, tanto em shoppings centers quanto em supermercados, é “normal” sentir e presenciar os profissionais de segurança do local, mantendo uma “supervisão” mais “personalizada” que o costureiro.

Questionamentos sobre ter condições financeiras de escolher um objeto ou qualquer tipo de mercadoria, também é uma forma de racismo, diz a estudante que entrou numa loja a vendedora perguntou “*se teria dinheiro para pagar a mercadoria que estava olhando, sem eu ter falado nada*”. A vendedora a questionou sem o intuito de fazer um bom serviço, pesquisando a cliente a fim de ajudá-la na escolha do produto que melhor lhe servir, simplesmente a julgou pela sua cor, dando a entender que não teria condições de pagar a roupa de seu interesse. Isso acontece na segurança pública também, um estudante conta história de um familiar parado em uma Blitz:

“Professor, os outros carros todos passaram menos o nosso, só porque éramos todos negros. A gente tava passeando com meu tio e meu pai, e fomos parados pela polícia. O policial disse que aquele carro não podia ser nosso, “como que dois negros teriam dinheiro pra ter um carro daqueles? (Relato do estudante, 2019).

Essa entrevista veio a constatar o preconceito sofrido pelo povo negro que mora nas comunidades das periferias nas cidades, o fato desses jovens sofrerem esse tipo de violência, em todos os lugares, remetem a importância de trazer esse tema à sala de aula.

Um dado recente trazido pelo IBGE no ano de 2016, mais especificamente pela Agência de Notícias do IBGE, mostra uma publicação feita para a revista Retratos, que tem o seguinte título: “IBGE mostra as cores da desigualdade”.

As estatísticas de cor ou raça produzidas pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos. (GOMES; MARLI, 2018, p. 8).

Esse apontamento, trazido pelo IBGE, deixa claro que os negros ocupam lugar entre as classes sociais mais pobres do Brasil. E a mobilidade social é dificultada uma

vez que, não conseguem estudar, nem se especializar, muito menos, pensar em fazer isso, pois desde cedo tem que “ajudar em casa”, cuidar dos irmãos mais novos, fazendo os trabalhos domésticos, entre outras coisas.

Esse histórico de desigualdade social em nosso país faz com que esse povo que sofre com essa desigualdade, não consiga se reestabelecer diante dela, segundo Pernias (2018), combater essa desigualdade no Brasil está longe de ser uma prioridade, existem algumas discussões por parte dos economistas, a passos lentos, que caminham com bastante dificuldade, uns querendo negar e deslegitimar o problema, dizendo não ter o que se fazer sobre o assunto, se isentando de pensar em resolvê-lo, uma vez que o maior interessado não são eles.

Pensando formas e ações que favoreçam a desconstrução desse tipo de comportamento institucionalizado e já enraizados e naturalizados dentro das várias esferas sociais, penso ser a oportunidade de refletir enquanto educadores musicais, atitudes através de ações pedagógicas que dialoguem nessa desconstrução, e na não reprodução desse tipo de pensamento, para que as próximas gerações possam acreditar na sua capacidade de desenvolvimento, seja ele no âmbito social ou profissional.

3.2 “É preciso saber mais da nossa história”: Ancestralidade

Após conhecermos a percepção dos estudantes sobre o racismo e a desigualdade social, através da roda de conversa, sendo essa, a primeira atividade desta pesquisa-ação.

Foram feitas atividades que valorizassem primeiramente, a ancestralidade, para que esses jovens percebam que todo racismo e toda humilhação vividos por eles é uma reprodução do passado. Entendendo que é através da educação, do conhecimento, de saber de onde vem verdadeiramente a força do povo negro, possam voltar a ter esperanças de um futuro melhor para si, e para todo povo.

Como referência dessa ancestralidade, mostrando quanto bonita ela é, na formação da cultura brasileira, está uma das manifestações mais populares do mundo e que carrega essa ancestralidade em seu DNA.

Outra forma de positivar a ancestralidade africana é lembrar esses jovens, que a música brasileira, em especial a que está mais presente nesse cenário, o samba enredo, assim como outras vertentes da música popular brasileira, carrega em seu DNA forte influência oriunda da África, como relata o etnomusicólogo Paulo Dias (2016).

A expressão coletiva maior são as escolas de samba. Essas agremiações populares de bairro são o cadinho onde se amalgamam diferentes formas de expressão: dos ancestrais batuques de terreiro como o jongo, o samba de roda baiano aos cortejos reais dos congos e cucumbis, dos candomblés e macumbas às danças-lutas como a capoeira, a pernada. Do Sudeste banto ao Nordeste nagô. (DIAS, 2016)

Valorizando esse gênero tão expressivo nesse território e conseqüentemente nos alunos que nele estão inseridos, torna-se pertinente pensar em atividades que dialoguem com essa realidade.

Após a realização dessas atividades, ver capítulo 1, como previsto nas etapas no método pesquisa-ação, realizamos um questionário semiestruturado, a primeira pergunta realizada, tem como objetivo, mensurar o entendimento dos adolescentes sobre a valorização dessa ancestralidade, então foi perguntado:

As atividades abordando a cultura afrodescendente ampliaram positivamente sua compreensão sobre a ancestralidade cultural herdada do povo africano? Como você se sente em relação a isso? A seguir um dos relatos:

“Me influenciou muito porque depois das aulas falando sobre as culturas africanas como a capoeira, músicas e como influenciaram nos dias de hoje eu me senti bem, tipo, foi bom saber de todas essas culturas e me deu até vontade de começar a praticar capoeira (Resposta de um aluno ao questionário).

Em outra resposta, percebe-se que a estudante não está preocupada somente com o racismo sofrido por ela, o que já é terrível, mas, também se importa com o bem estar do seu semelhante, demonstrando maturidade, empatia e um senso coletivo inspirador, “Muita gente sofre racismo, “eles” tem que saber mais, sobre a história do povo Africano”, esse pensamento demonstra sobre tudo que, o conhecimento é libertário e que generosidade não tem cor.

Uma outra resposta que pode ser destacada, vem de encontro com a ideia central desse trabalho, “eu gostei muito das aulas, me fez perceber o poder de minha

ancestralidade”, importante quando você se vê fazendo sentido no mundo novamente, se perceber enquanto ser pensante, e que também pode e deve sonhar.

Na pergunta que sucede, colocamos em prática toda essa ancestralidade, como falado anteriormente, convidamos uma professora especialista em capoeira Angola, para falar da história de manifestação cultural e principalmente, tocar a instrumentação característica da capoeira e fazer uma roda, onde todos pudessem jogar.

Sobre a capoeira, Luis Vitor Castro Júnior (2004), pode colaborar explicando que a capoeira tem seu nascimento datado a partir do Século XVI, foi a maneira encontrada pelo povo escravizado de se defender da barbárie que se encontravam, na qual a violência passava de somente dor física, os donos de escravos também misturavam negros de várias etnias para que eles não pudessem ao menos se comunicar ou manter algum tipo de tradição, e a capoeira nasce desse contexto, como sendo uma forma de proteção, disfarçada de dança.

Enquanto o controle e poder dos senhores de escravos estão pautados na violência, os escravos cansados de apanhar, buscavam formas de se organizarem para fugir aos quilombos, onde lá conseguiam encontrar esperança de uma vida melhor, e onde revigoravam sua existência, voltando a ter contato com sua cultura, que a base da força, era arrancada pela escravidão.

Segundo JUNIOR (2004) essa foi a forma que os negros e negras encontraram de fazer política, tornando aquele canto e luta disfarçada de dança e ações que interferissem na vida de cada indivíduo e da coletividade, como forma de resistência, contra a escravidão a modos de romper com o poder exercido sobre eles.

Sendo a capoeira também um instrumento importante na resistência física e cultural, e que sua prática, tinha a função de manter e preservar a ancestralidade desses povos, além, de uma forma de alívio dos trabalhos desumanos a que eram submetidos, sendo também uma fonte de sustento para os negros após a abolição da escravatura, pois faziam apresentações em troca de algumas moedas, sendo a capoeira apreciada pela flexibilidade de seus jogadores, assim como, pela música que era tocada durante a roda.

Para Tiago Oliveira Pinto (2004) a música herdada dos povos africanos está convencionalizada e definida como imaterial, desde a chegada dos povos africanos no Brasil, pelo menos os que conseguiu chegar vivos da travessia transatlântica traziam

consigo apenas ideias, crenças, concepções e uma bagagem gigantesca de musicalidade.

Essa diversidade cultural é também muito presente na música, hoje chamada música Afro-brasileira. O que levou a ter uma ideia de que a música popular feita no Brasil é fruto da miscigenação e das misturas culturais de várias origens. Considerado por várias vertentes de pensamento social do país, que a musicalidade brasileira vinculada à cultura africana é revestida dos mais diversos adjetivos positivados que refletem inclusive, alguns clichês como por exemplo: o fato dessa música ser cheia de ritmo, é percussiva demais, música alegre.

Por outro lado, existem outros adjetivos que não são tão favoráveis assim, como os que dizem que é uma música primitiva, com musicalidade pobre e ruidosa ou barulhenta.

Para o autor não devemos ficar pautados apenas a sonoridades, existem outras manifestações tão ricas e importantes quanto a música, a capoeira e o maracatu por exemplo, não sendo pautados só em acústica, nessas manifestações encontram-se muita ancestralidade, difundida através da tradição oral e o movimento corpóreo, que também é uma cultura valorizada e praticada pelos africanos, são bonificações deixadas pelos africanos, são fenômenos ligados a várias formas de expressão, como a língua e a religião, são elementos que abrangem o estilo de vida e que sobrevive em determinados grupos sociais, sua existência não se limita apenas aos fenômenos sociais musicais.

O autor diz que, ao longo da história de quase cinco séculos a música africana ainda está engatinhando na emancipação da cor da pele, agregando além dos descendentes a outros segmentos populacionais.

Já Silveira (2014, p. 59-61) discorre pela musicalidade ligada as religiões de matriz africana, mais especificamente a Umbanda e o Candomblé. Músicas essas que com o passar do tempo acabaram sendo incorporadas ao que hoje conhecemos como Música Popular Brasileira (MPB), “que contribuindo para a conformação de um imaginário mítico diluído na cultura brasileira” (Silveira, 2014, p.60).

Para ele, essa musicalidade vinda das religiões, ultrapassam os locais de sua origem, como os terreiros, igrejas e templos, aparecendo em todo tipo de vinculação midiáticas sociais, como jornais, revistas, obras de arte, teatro e principalmente na música, fazendo com que todas as pessoas que tem contato com esses tipos de

música, desfrute de toda beleza e historicidade, sem necessária ser adepta ou frequentar uma dessas religiões mais especificamente.

Entre as heranças da musicalidade africana, estão o jongo, o samba de roda as congadas e várias outras ramificações vindas da música religiosa africana.

Para denominar e entender a forma que se deu esse hibridismo, o autor divide os povos que vieram em maior concentração para o Brasil da seguinte forma, os que cultuam o Candomblé e Xangô, com características, fechadas ortodoxas e extremamente religiosas, onde as músicas eram voltadas exclusivamente para a prática religiosa, na busca da “pureza nagô”.

E a segunda originária do povo Banto, (particularmente Angola), que tinha uma postura mais receptiva a novas culturas, e que sua liturgia era mesclada, com partes musicais e partes linguísticas, esse repertório passou em seguida para a Umbanda, e posteriormente o meio secular, como a capoeira, o samba de roda e o jongo, e principalmente os gêneros mais populares, comerciais e independentes.

O autor destaca também, essa prática sendo feita nas músicas populares de artistas como Clara Nunes, Gilberto Gil e Caetano Veloso, onde as músicas trazem evocações religiosas, misturando os ritmos e letras de características da religiosidade, porém, toda instrumentação estrutura e fônica das músicas de tradição europeia.

Sobre a música e a capoeira, Flavia Candusso (2009) discorre brilhantemente,

É através da música que todos os participantes são unidos e conduzidos em uma sequência de jogos. De certa forma, pode-se dizer que a música costura todos os elementos que constituem uma roda de capoeira: os movimentos, as atitudes, os ensinamentos, a história, as reflexões, entre tantos outros (CANDUSSO, 2009, P.93).

Essas palavras descrevem muito bem a cumplicidade da música com o jogo da capoeira, como essas individualidades, se tornam uma arte linda e encharcada de ancestralidade.

A segunda pergunta, tem em sua resposta a representatividade do parágrafo acima, dizia assim: Qual das aulas você mais gostou, e o que ela representa a partir de agora em sua vida? Descreva com detalhes o que mudou depois dela?

Em sua maioria, a aula de capoeira, foi a que gostaram mais, o que chama a atenção, é que na aula, apesar dos sorrisos, não diria que seria a preferida pela maioria, o que vem a confirmar fala de Candusso (2009) e demonstrar a paixão que essa arte desperta a quem deixar se envolver por ela.

A terceira pergunta, trata da ação sobre a história de Luiz Gama. A resposta que chama a atenção de primeira diz que “Essa história deveria ser fonte de inspiração para todos os jovens, porque ele superou as barreiras e conseguiu o que queria, pelo menos para mim, essa história foi muito importante”. Percebe-se diante desse comentário que existe uma conexão entre o aluno e a história contada, essa biografia de certa forma, despertou algo importante para esse adolescente. Outro diz que, “A trajetória de Luiz Gama foi uma oportunidade de provar que não é só o povo branco que consegue aprender, o negro também consegue”, se referindo ao fato de Luiz Gama ter estudado Direito entre outras coisas. É notável que quanto mais exemplos de pessoas negras eles tiverem, maior será sua referência, mais força de vontade esses jovens e adolescentes terão de fazer diferente, de ser mais, de buscar outra realidade.

A quarta e última pergunta, visava descobrir se todas as ações contidas no plano dessa pesquisa, causou algum efeito na turma, se as atividades musicais, voltadas à valorização das manifestações culturais africanas, tiveram efeitos positivos ou negativos, e se é relevante para a trajetória desses adolescentes daqui pra frente. E mais especificamente, se estudar esses conteúdos, pode ajudar a mudar esse estereótipo, tanto do lado étnico-racial, quanto no âmbito da desigualdade social. Nos ajudando a entender se o pesquisador enquanto parte do cenário e estando ele em contato direto, com os sujeitos do estudo, tem os resultados alcançados positivamente ou não.

Para saber se esse trabalho conseguiu alcançar seu objetivo, e entender a eficácia da educação musical na educação básica, convido a ler o capítulo seguinte, considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciarei esse item respondendo a última pergunta do questionário aplicado como encerramento do plano de ação, descrito no final do item acima.

A resposta foi, unanimemente, sim. Segundo os sujeitos da pesquisa, todo conteúdo trabalhado, com foco em positivar e ressignificar as manifestações culturais africanas e afro-brasileira, promoveram uma elevação da autoestima e autoconfiança, dos indivíduos sujeitos da pesquisa. Foi percebido um sentimento de retomada de controle, de luta e principalmente, de que a coletividade é importante na luta contra o racismo e a desigualdade social que não é normal.

Os estudantes perceberam, através das ações, que eles também têm o direito de se colocar. E o desenvolvimento dessa consciência, se deu através de exemplos, de pessoas que foram até lá e de alguma forma mostraram isso a esses adolescentes. Como podemos perceber, através das seguintes afirmações, “Devemos lutar por nossos direitos como negros”; “Não devemos aceitar menos do que merecemos, somos todos iguais devemos lutar e lutar jamais desistir e achar que isso é normal”.

As biografias, histórias de vida de outros negros, como essa do Luiz Gama, que lutaram incansavelmente por seus direitos, também precisam ser conteúdo nas aulas de educação musical. As aulas de música devem servir, entre outras coisas, a esse propósito, de humanizar, de trazer para escola conteúdos que valorizem e enalteçam os direitos humanos.

Como uma última consideração, aponto aos educadores musicais, e de quaisquer outras áreas, para um outro importante apontamento: o fato de pessoas negras serem discriminadas ou colocadas em situação de humilhação, bullyings dos colegas e se sentirem inferiorizadas e incapazes diante dessas situações. Muitas vezes, esse tipo de violência tem a ver com o não aprender a problemática de não saber, há muito tempo os negros eram tidos com menos inteligentes pela branquitude.

A Educação Musical, em especial, precisa estar atenta a outro estigma particular que pessoas negras carregam: de inferioridade intelectual, remanescente de anos de opressão e que é percebida através da fala desses adolescentes. A partir das reflexões trazidas pela aula número 3, cujo o tema foi a biografia, a história do jornalista, poeta e abolicionista Luiz Gama, uma das respostas do questionário que findou a pesquisa, diz que “A trajetória de Luiz Gama foi uma oportunidade de provar

que não é só o povo branco que consegue aprender, o negro também consegue”. Faz parte de uma educação musical humanista, acabar com esses tipos de estereótipos, esse receio de ser chamado de burro, de ser humilhado por ter medo de aprender. Isto me faz notar que um dos componentes do sentimento de inferioridade de meus e minhas estudantes negras e negros é de que sua capacidade intelectual é tida como inferior à de pessoas brancas, e que isso potencializa o racismo.

Concluo este ensaio esperançoso com os resultados descobertos, acreditando que, apesar de longo, está iniciado um outro rumo. Há perspectiva de mudança na vida desses jovens, e em busca de uma sociedade mais igualitária. Diante do exposto, faço a seguinte reflexão. Quais outras atividades podem ser pensadas a partir de agora? Quais outras áreas do conhecimento podem estar junto da área da Educação Musical, numa perspectiva interdisciplinar na luta antirracista?

REFERÊNCIAS

ALVES, Jailza Conceição. **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA DA CULTURA AFRO BRASILEIRA E ÍNDIGENA NA ESCOLA.** Revista de Educação ReAGES, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 22-36, fev. 2017. ISSN 2526-6594. Disponível em: <<http://npu.faculdadeages.com.br/index.php/revistadeeducacao/article/view/13>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BARBOSA, Mário Davi. **Comunidade, identidade e exclusão: uma abordagem da luta dos moradores da comunidade Monte Serrat pelos direitos humanos.** CESUSC, 2010.

BATISTA, Leonardo Moraes. **Educação Musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica.** ORFEU, v.3, n.2, dezembro de 2018.

BATISTA, Leonardo Moraes. **Educação Antirracista e Educação Musical: interações e perspectivas para a Educação Básica.** Interlúdio-Revista do Departamento de Educação Musical do Colégio Pedro II, v. 6, n. 10, p. 54-74, 2018.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **História e cultura Africana e afro-brasileira.**

CANDUSSO, Flávia. **Capoeira Angola, educação musical e valores civilizatórios afro-brasileiros.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos / John W. Creswell;** tradução Luciana de Oliveira da Rocha. – 2. Ed.- Porto Alegre: Artmed, 2007.

DE LIMA, Rogerio Mendes; DA SILVA, Fernanda dos Santos Vallim. **TARJA PRETA: EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA.** *E-Mosaicos*, 2018, 7.16: 141-156.

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/38562> Acesso em: 9 de nov. de 2019.

DIAS, Paulo: **Diáspora musicais africanas no Brasil** (*Texto baseado em artigo em inglês de [Tropical Diáspora](#)*), MOOZYCA, 2016. Acesso em 10 de out. de 2019. Disponível em: <http://moozyca.com/artigo/diasporas-musicais-africanas-no-brasil>

DONATO, Priscilla Hygino. “**SIM, SOU NEGRA!**”: **As aulas de música e a construção da identidade afro-brasileira**. Interlúdio-Revista do Departamento de Educação Musical do Colégio Pedro II, v. 6, n. 9, p. 29-39, 2018.

DOS SANTOS, Mikaelly Sobral; DE SOUZA, Fernando Antonio Ferreira. **Música afro-brasileira: identidade e cultura para a escola da comunidade quilombola do castainho-pe**. Educação e (Trans) formação, v. 4, n. 1, p. 68-83, 2019.

GOMES, Irene e MARLI, Mônica: **IBGE mostra as cores da desigualdade, Agência IBGE notícias, 2018**. Acesso em 05 de out. de 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>

FRAZÃO, Dilva, **Biografia de Luiz Gama, Ebiografia 2019**. Acessado em 03 de Nov. de 2019, disponível em: https://www.ebiografia.com/luiz_gama/

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido**: Paz e Terra, São Paulo, 2014.

Gil, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar um projeto de pesquisa**/ Antônio Carlos Gil. – 5 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli, **Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de Música: notas sobre a operacionalização do conhecimento étnico nas práticas escolares**. ORFEU, v.3, n.2, dezembro de 2018 P. 98 de 110.

*

SILVA, Sabrina Ana Maria Da. **A cultura afro-brasileira no currículo escolar: experiências docentes em uma escola da rede estadual de ensino de Florianópolis.** USJ, São José, 2015.

JÚNIOR, Luis Vitor Castro. **Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 25, n. 2, 2004.

MARCONI e Marina de Andrade: **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados** / Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos.- 7. ed. – 3. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

PENNA, Maura: **Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 13, 7-16, set. 2005.

PERNIAS, Tomás Rigoletto. **O problema da desigualdade:** Revista Le monde diplomatique, São Paulo, 2018. Acesso em 12 de nov. de 2019, Disponível em <https://diplomatie.org.br/o-problema-da-desigualdade/>

PINTO, T. **As cores do som: estruturas sonoras e concepção estética na música afro-brasileira.** África, n. 22-23, p. 87-109, 9 dez. 2004.